

## MATERIALISMO DIALÉTICO E PSICANÁLISE O enfoque de Wilhelm Reich

Elisabete M. Marchesini de Pádua

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

“A ciência é inimiga mortal da reação política. Mas o sábio que pensa salvar a existência sendo prudente e ‘apolítico’ e que, vendo os mais prudentes expulsos e presos, não soube extrair a lição destes fatos, esse sábio já não pode ter a pretensão de ser tomado a sério e participar mais tarde da reconstrução efetiva da sociedade. Os seus lamentos e inquietação pela cultura não passam de efusões sem convicção, se não souber reconhecer, a partir dos acontecimentos, que são precisamente a sua ciência, a sua energia científica que fazem falta aqueles em quem deposita as esperanças no momento das catástrofes. O seu apoliticismo é um elemento da força da reação política e ao mesmo tempo da própria ruína”. ( W. Reich, 1929. )

### I – INTRODUÇÃO

A visão teórico-social e filosófica que se desenvolveu a partir de Freud, tem em Wilhelm Reich ( 1897 – 1957 ) um dos seus representantes mais radicais.

Apoiado pela sua experiência analítica e trabalhando também com elementos teóricos formulados por Marx, Reich procurou elaborar um sistema explicativo que incluísse, além dos aspectos revolucionários da teoria psicanalítica, aspectos sociológicos que pudessem apreender as transformações econômicas, políticas e sociais da época, e orientar uma efetiva práxis revolucionária.

Ao lado de outros psicanalistas, como Ferenczi, Roheim, Rank e Marcuse, Reich figura como pioneiro, ao considerar a repressão sexual como um dos principais mecanismos ideológicos da dominação política, o mecanismo para se criar uma estrutura de caráter submissa, necessária à preservação de um sistema de poder autoritário.

Pode-se mesmo considerar que a teoria do caráter e a técnica de análise do caráter colocam Reich na vanguarda do movimento psicanalítico da década de 20, e que suas teses influenciaram a maioria das revisões posteriores da obra freudiana, feitas por E. Fromm, Anna Freud, H. Hartmann, T. Adorno, e outros integrantes da Escola de Frankfurt.

## II – A IDEOLOGIA

A análise reichiana, tão complexa quanto revolucionária, nos remete a uma questão-chave na sociedade de classes: de que modo se tornou possível a repercussão material de um estado de fato ideológico, de uma teoria que arrastou transformações históricas? Quando a ideologia repercute de volta no processo econômico e se transforma em força material?

Reich foi um dos primeiros intelectuais a criticar o “marxismo vulgar” da época, que não distinguia a dependência entre a evolução da economia e da ideologia, por considerar a existência de uma oposição mecânica entre economia e ideologia, base e superestrutura; por não considerar o fator subjetivo, o marxismo mecanicista não entende também a ideologia como força histórica.

Chama a atenção para o fato de que a ideologia, em cada formação social, não tem por função refletir, espelhar, o processo econômico, mas sim enraizar-se nas estruturas psíquicas dos indivíduos, uma vez que os homens estão sujeitos às próprias condições de existência de duas maneiras:

- direta ( objetiva ) : pela repercussão imediata da sua situação econômica e social; e
- indireta ( subjetiva ) : pela estrutura ideológica da sociedade.

Desta forma, pensamento e ação tão cheios estão de contradições quanto a sociedade global ( formação social ) onde os indivíduos estão vivendo, e têm estes de desenvolver na sua estrutura psíquica uma contradição correspondente à contradição que existe entre as repercussões da sua situação material e às repercussões da estrutura ideológica da sociedade.

Como assinala Reich, na medida em que “uma ideologia transforma a estrutura psíquica dos homens, ela não se limitou a reproduzir-se, mas, o que é mais importante, tornou-se força ativa, poder material, sob a forma de homens que, por esse fato, **agem de modo transformado e contraditório.** ( grifo nosso )... É dessa maneira, e dessa maneira somente, que se torna possível o efeito de volta da ideologia de uma sociedade sobre a base econômica da qual proveio”.<sup>1</sup> Esta afirmação confirma o que Marx já assinalara em **A Ideologia Alemã**, que qualquer organização social produz nas massas dos seus membros as estruturas de que necessita para os seus objetivos fundamentais; explica também o fato de as estruturas ideológicas se transformarem mais lentamente que a base econômica, abrindo-nos caminho para a compreensão dos aspectos que entram no desenvolvimento da consciência de classe, uma vez que este “efeito de volta” da ideologia pode ser analisado quando apreendemos a estrutura psíquica de cada indivíduo.

Reich vai localizar no elemento "repressão sexual" a forma pela qual a classe dominante trabalha esse efeito de volta da ideologia: "...a inibição sexual modifica estruturalmente o homem oprimido economicamente, de tal modo que ele age, sente e pensa contra o seu interesse material. O que equivale a uma assimilação à burguesia".<sup>2</sup> Desta forma, a consciência de classe estaria inibida por uma moral sexual que responde aos interesses da classe dominante.

Este enfoque vai colocar em evidência o fator político: não somente a repressão sexual é um fenômeno socio-político, mas também aquilo que provoca a repressão. Aqui reside o caráter polêmico e revolucionário do método analítico, porque uma vez constatado o próprio caráter anticultural da repressão sexual, sua tarefa, enquanto terapia libertadora, encontra-se em contradição com os elementos culturais que baseiam sua atuação nesta repressão, como o Estado, a religião, a própria família.

Com relação à estrutura da personalidade, Reich não se afasta da proposta freudiana; suas principais inovações, que o colocam na chamada "esquerda freudiana", se encontram ao nível da dinâmica da personalidade, isto é, na maneira pela qual a energia psíquica é distribuída e usada pelo id, ego e superego, e como a estrutura social atua sobre esta dinâmica.

### III – OS AGENTES SOCIAIS

Em Reich, os chamados "agentes sociais" como: autoridade, propriedade privada, religião, forma sexual monogâmica compulsória, e a própria ideologia, vão assumir grande importância como elementos represores das pulsões básicas,<sup>3</sup> portanto, elementos causadores das neuroses.

A teoria freudiana das pulsões foi elaborada a partir da noção de libido (energia da pulsão sexual), e é a partir dela que Reich vai também analisar a ação social — limitadora, modificadora ou aceleradora — sobre as pulsões. (vide quadro 1)

Reich vai considerar que no decorrer da História a repressão sexual não se manifestou como elemento que marcasse o desenvolvimento da cultura, ela só aparece com o desenvolvimento das formas privadas de propriedade dos meios de produção, a conseqüente divisão da sociedade em classes e a exigência da forma sexual monogâmica compulsória, introduzida pela família patriarcal.

É na análise da família fundada na forma sexual monogâmica que Reich concentra suas críticas: "...a conexão da estrutura sócio-econômica e da estrutura sexual da sociedade, e a reprodução ideológica da sociedade, produzem-se nos quatro ou cinco primeiros anos da vida e no interior da família. A igreja limita-se em seguida a perpetuar essa função. É desse modo que o Estado de classe manifesta imenso interesse pela família:

QUADRO 1

<p>Pulsões básicas</p>	<p>Satisfação do desejo: <b>Princípio do Prazer</b> → componente biológico</p>	<p>Repressão</p>	<p>Resultado das duas formas de repressão</p>	<p>Bloqueio: <b>Princípio da Realidade</b> → componente psicossocial</p>	<p>Agentes Sociais que inibem a satisfação das pulsões</p>
<p>Necessidade de Alimentação</p>	<p>Satisfação através de um armazenamento de energia, que exige satisfação imediata</p>	<p>Exploração econômica da sociedade de classes</p>	<p>Geram disposição à revolta</p>	<p>Ação social sobre as pulsões → inibição de ordem moral → trava o desenvolvimento da consciência de classe</p>	<p>Ideologia Autoridade Propriedade privada Religião Forma sexual monogâmica compulsória</p>
<p>Necessidade Sexual</p>	<p>Satisfação através de uma descarga de energia, que não exige satisfação imediata. → pode ser sublimável → contrapartida do recalçamento.</p>	<p>Recalçamento sexual</p>			

esta se tornou a sua fábrica de estrutura e de ideologia".<sup>4</sup> Portanto, para Reich, a família burguesa é a instituição onde se ajustam todos os interesses da sociedade capitalista: a inibição moral da sexualidade natural traz, como consequência, a própria inibição do pensamento crítico, gerando um indivíduo que se "ajusta" à ordem econômica da sociedade de classes e aos princípios autoritários nela embutidos — ao nível da família — autoridade dos pais, ao nível da sociedade — autoridade do Estado, do "Fuehrer".

Tanto a repressão da satisfação das necessidades materiais, quanto a da pulsão sexual, geram disposição à revolta, mas conforme Reich, "a primeira leva à revolta, mas a segunda, por submeter as exigências sexuais ao recalçamento, retirando-as da consciência e enraizando-as interiormente sob forma de proibição moral, proíbe a realização da revolta cuja fonte se encontra em ambas as formas de repressão".<sup>5</sup> Portanto, além da inibição à revolta se encontrar também ao nível do inconsciente e envolver a família como um todo, ocorre tanto na classe dominante quanto na dominada, embora ocorram formas específicas de repressão em cada grupo social.

A família passa a ser um agente social que, ao mesmo tempo em que reflete as condições de autoridade das relações sociais, faz com que a disposição à revolta existente em seu interior seja interiorizada através dos princípios de obediência à autoridade e hierarquia paternas; assim, desde a infância a agressividade reprimida é sublimada e interiorizada, o que impede o desenvolvimento de uma consciência da necessidade de superação desta relação autoritária familiar e, mais tarde, social.<sup>6</sup>

Enquanto o ponto de vista que Reich considerava conservador, via na família a "célula base" da sociedade, sua análise vê a família como o **resultado** de transformações econômicas, que no decorrer da História lhe imprimiram uma função específica em cada formação social;<sup>7</sup> entende a família como uma forma concreta, histórica, que expressa as relações de reprodução, isto é, as relações que na sociedade extrapolam as relações de produção dos bens materiais para chegar à reprodução da espécie, do próprio homem.

Esta visão vai fundamentar a proposta reichiana de que a forma sexual monogâmica compulsória deve ser superada por uma relação sexual duradoura, baseada na afirmação da sexualidade, na superação da dupla moral burguesa e na igualdade entre os sexos, superação que pressupõe uma sociedade não autoritária, onde a propriedade dos meios de produção seja coletiva, enfim, uma sociedade sem classes, embora os vínculos afetivos continuem centrados na família nuclear ( pai, mãe, filho ).

Mesmo tendo como "modelo ideal" o coletivismo socialista, Reich vai observar em sua visita à União Soviética ( janeiro de 1929 ) que as características revolucionárias dos primeiros decretos sobre o casamen-

to, a educação dos filhos, divórcio e organização familiar, datados de dezembro de 1917, foram tendo uma nítida mudança de orientação a partir do segundo Plano Quinquenal, que abrange todo o período stalinista; estudando as relações sociais e sexuais na União Soviética, chega à conclusão que “temos que constatar um refreamento da revolução sexual soviética; mais que isso, um regresso às formas morais autoritárias de regulamentação da vida amorosa dos seres humanos”,<sup>8</sup> numa visão muito clara de que na ditadura de Stalin os princípios orientadores da educação e da sociedade como um todo eram “sexo-negativos” e que a estrutura do caráter das massas não apresentava mudanças radicais.<sup>9</sup>

#### IV – CONCLUSÃO

Para Reich o desenvolvimento da psicanálise está ligado a determinada etapa do desenvolvimento social, e, historicamente, surge como uma “reação às condições culturais e morais em que vive o homem social. Neste caso, uma reação às condições sexuais: tal como resultam das ideologias religiosas”.<sup>10</sup> Considera que a vida mental se desenvolve a partir do orgânico e ligada ao social, numa clara oposição à concepção metafísica dominante na época, que via a atividade psíquica situada “para além” do orgânico.

Tendo desenvolvido a base teórica da dialética do psiquismo a partir de 1929, sustentou que, assim como o marxismo significou uma tomada de consciência das leis econômicas, a psicanálise significava a expressão de uma tomada de consciência da repressão sexual (teoria dialética das pulsões); vê a psicanálise inserida na concepção materialista da história, no momento em que as condições materiais da existência se transformam em **idéias** para os indivíduos, já que o ‘objeto’ da psicanálise é o homem socializado.

Enquanto prática, isto vai implicar uma profunda revisão de valores sobre a religião, a família, a sociedade, revisão esta que nos remete à análise de uma série de questões, entre as quais, as de fundamental importância: a questão moral e a questão social.

A questão da moral, ou seja, do conteúdo normativo que serve de base para a resolução dos problemas práticos da vida cotidiana, pressupõe que a pauta normativa que “regula” determinado grupo social é “internalizada” pelo indivíduo; isto significa que cada formação social tem uma pauta normativa que passa constantemente por um processo de mudança social, determinado por processos históricos específicos, e que o indivíduo não tem à sua disposição uma pauta moral imutável.<sup>11</sup>

A partir do momento em que o homem passa a ser membro de uma coletividade — tribo, clã, adquirindo natureza social, surgem as questões da moral; para a análise do problema do futuro da família é importante notar que dos diversos costumes sexuais dos primeiros grupos sociais, o tabu do incesto aparece como o único dentre os valores das sociedades primitivas que se transformou em valor universal, isto é, historicamente permanente, mas já aparece como requisito social e não como dado da seleção natural ( biológica ).

A partir do advento da sociedade de classes, a famílias e as próprias relações sexuais estão ligadas ao sistema da propriedade privada, nos diferentes períodos históricos; visto que a vida passa a ser orientada no sentido da posse, o próprio sentido da ação individual, mesmo enquanto moral, é orientado em relação à posse dos bens materiais e das pessoas. Com a família patriarcal monogâmica, o próprio relacionamento homem-mulher passa a ser permeado por motivos de posse, do mesmo modo que se possui um rebanho ou uma casa. A questão da posse da mulher se transforma em “questão de honra”, que se incorpora ao código moral já como uma relação de desigualdade entre as pessoas de sexo diferente, e no decorrer da história, gradativamente vai-se incorporando também ao código jurídico.

A única relação humana baseada no instinto biológico, natural, fundada na pulsão sexual ( a nutrição é uma tendência biológica que não depende totalmente de uma relação humana ), se afastou cada vez mais dos “limites naturais” até chegar à dupla moral burguesa, no modo de produção capitalista. Freud reconheceu este antagonismo entre as normas morais e as pulsões sexuais, mas considerava as relações sexuais alienadas como estado humano permanente.

Reich possui o mérito de ter percebido que as pulsões sexuais ou são suprimidas ( reprimidas ) ou são humanizadas pela pauta moral de dadas formações sociais, numa tentativa de superar a rígida posição freudiana. Colocando na humanização destas relações a saída para a crise das relações entre os sexos, propõe justamente que a família monogâmica compulsória seja substituída por uma relação sexual duradoura, baseada no amor, como forma concreta para superar a família, baseada na propriedade privada, que, além de ser “sexo-negativa”, legitima a prostituição.

Como para Reich o amor não é independente da estrutura social e humana, suas propostas quanto à questão social estão de maneira geral, ligadas a uma teoria sócio-econômica que não tem por suporte a propriedade privada, mas sim a propriedade social dos meios de produção; o socialismo é a forma concreta para superar, ao nível do indivíduo, a personalidade particularista, egoísta, competitiva, característica da sociedade de classes, onde as pessoas lutam para ocupar uma posição na divisão do

trabalho e para mantê-la, mesmo que para isso estejam **contra o outro**, ou venham a considerar **o outro** não como ser humano, mas como mercadoria a mais, como objeto descartável ou 'eliminável'.

Os estudos da relação família-sociedade-ideologia têm merecido a atenção de vários autores, como Alexander Mitscherlich, Jurgen Habermas, Juliet Mitchell, R. D. Laing, complementados por estudos que dão ênfase aos fatores sociológicos e filosóficos, como os de Humberto Cerro-ni, Agnes Heller, Simone de Beauvoir, dentre outros, que atestam a importância dos primeiros estudos realizados por Reich, e abrem caminho, como desafio, para novas pesquisas teóricas, que tenham como fim a compreensão da práxis humana.

"Amor, trabalho e saber são as fontes de nossa existência. Deverão regê-la também".<sup>12</sup> Esta frase de Reich pode-nos servir, como ponto de partida, para uma análise crítica das condições em que se encontram o amor, o trabalho e a ciência hoje.

As teorias sociais, psicanalíticas, econômicas, políticas, antropológicas etc., só vão adquirir um sentido se, passando pelo crivo da análise crítico-filosófica, fundamentarem uma revolução cultural centrada no homem.

#### NOTAS

(1) W. REICH, **Psicologia de Massa do Fascismo**, Porto, Ed. Escorpião, 1974, 21.

(2) *Ibidem*, 34.

(3) Pulsão: noção limite entre o psíquico e o somático. O objetivo da pulsão é suprimir a tensão pulsional suprimindo a excitação que está na origem da pulsão, atendendo ao princípio do Prazer.

(4) *Ibidem*, 31.

(5) *Ibidem*, 33.

(6) Para complementação cf. Eric FROMM, **Autoridade e Super-ego: O papel da família**, in *Dialética da Família*, S.P., Brasiliense, 1981, 162 – 175.

(7) Reich baseia suas análises em L. H. Morgan ( *A Sociedade Antiga* ) e em F. Engels ( *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado* ).

(8) W. REICH, **A Revolução Sexual**, RJ, Zahar, 1980, 187.

(9) Para complementação cf. Luciana CASTELLINA, **A Experiência Soviética**, in *A Crise da Família*, RJ, Paz e Terra, 1971, 51 – 82.

(10) W. REICH, **Materialismo Dialético e Psicanálise**, Lisboa, Ed. Presença, 3ª ed., 1977, 116.

(11) Para complementação cf. A. S. VASQUEZ, **Ética** RJ, *Civilização Brasileira*, 4ª ed., 1980, 267 p.

(12) W. REICH, **A Revolução Sexual**, op. cit., 311.